

Autora bestseller do *USA Today*

ELLIE MIDWOOD

A
Rapariga
do
Vestido
às
Riscas

Ela recusou-se
a desistir.

E ousou voltar
a sentir.

TOP
SEL
LER

INTRODUÇÃO

A Rapariga do Vestido às Riscas é um romance baseado numa história real. Na «Nota da Autora», que pode ler-se no final do livro, explico com maior pormenor a autenticidade de algumas personagens e de certos acontecimentos, mas pareceu-me necessário escrever uma curta introdução, já que esta história contrasta bastante com tudo o que ao longo dos anos aprendi sobre Auschwitz. Tenho lido inúmeras memórias e estudos históricos, a maior parte deles centrados nos prisioneiros comuns e no seu sofrimento. São quase sempre narrativas de sobrevivência contra todas as expectativas, em barracões imundos e sobrelotados ou nos postos de trabalho no exterior, onde os prisioneiros eram constantemente espancados e insultados pelos kapos e pelos brutais membros das SS — em suma, narrativas de extermínio através de trabalhos forçados, aos quais os respetivos autores tiveram a sorte de sobreviver e que puderam contar. Com base nessas memórias e nesses estudos, esta foi sempre a minha impressão geral de Auschwitz-Birkenau. Contudo, a história de Helena é bastante diferente e, antes de começar a ler o romance, gostaria de lhe dar, a si, leitor(a), uma visão resumida das experiências pelas quais ela passou nesses campos de concentração.

Na primavera de 1942, duas mil raparigas da Eslováquia foram deportadas para o campo de concentração de Auschwitz. Helena Citrónová

foi uma delas. Algum tempo antes, Franz Wunsch, um soldado das Waffen-SS ferido em combate, havia sido transferido da Frente Oriental para Auschwitz depois de ser considerado inapto para continuar a servir na frente. Estava previsto que Helena morresse na câmara de gás, a 22 de março; contudo, por um acaso feliz, na véspera, os camaradas de Wunsch levaram-na para a sua caserna, para ela cantar para Franz, que fazia anos nesse dia. De acordo com os depoimentos prestados por Helena e Franz, no final da guerra, ele apreciou tanto a sua voz, que exigiu que a execução fosse cancelada e ela fosse antes trabalhar sob as suas ordens, para o chamado destacamento Kanada.

Os nomes de família dos protagonistas desta história, Helena e Franz, foram alterados, mas os nomes das figuras históricas que desempenharam algum papel ou estiveram presas em Auschwitz-Birkenau são, em geral, os reais. Aliás, não só os nomes, mas também as respetivas personalidades e ações, que tentei transferir para este romance, apoiando-me em memórias de sobreviventes, documentos históricos e diversos estudos feitos ao longo dos anos por múltiplos historiadores.

A maior parte da ação de *A Rapariga do Vestido às Riscas* passa-se no chamado destacamento Kanada, um complexo formado por uma série de armazéns e instalações de desinfeção. A designação «Kanada» (manteve-se a ortografia alemã no romance) foi-lhe dada pelos prisioneiros, por esse lugar — para onde os pertences dos recém-chegados eram levados e depois selecionados — estar constantemente a abarrotar de roupas, joias e dinheiro de diferentes países. Para os prisioneiros, o Canadá era uma terra de abundância; e, como era possível encontrar quase tudo no Kanada de Auschwitz, o nome pegou. Os objetos selecionados eram posteriormente desinfetados e enviados para a Alemanha, sendo o ouro e o dinheiro direcionados para o Reichsbank. Os prisioneiros que ali trabalhavam eram maioritariamente mulheres, e este era um dos postos de trabalho mais ambicionados pelos detidos, já que além de não ser um trabalho duro, os prisioneiros eram autorizados a deixar crescer o cabelo, a vestir-se à civil e a ficar com alimentos e outros

objetos que ali iam aparecendo. As mulheres destinadas ao Kanada tinham uma vida bastante diferente da das mulheres que viviam no campo feminino de Birkenau (os barracões onde se alojavam as jovens que trabalhavam no Kanada ficavam dentro do próprio armazém, ou seja, separados do campo das mulheres), onde as condições de vida eram consideravelmente distintas. As prisioneiras do Kanada podiam ainda tomar duches diários e raramente eram alvo de seleções — que, pelo contrário, eram realizadas de forma regular no campo comum.

Eis alguns depoimentos de sobreviventes sobre o Kanada:

«As raparigas que ali trabalham têm tudo — perfume, água-de-colónia — e usam penteados que parecem feitos pelo melhor cabeleireiro de Paris. Além da liberdade, têm tudo o que uma mulher pode desejar. Têm também amor — é inevitável que assim seja, dada a proximidade dos homens, tanto prisioneiros como membros das SS... A dez metros dos barracões delas, do outro lado do arame farpado, erguem-se as chaminés retangulares dos crematórios, que ardem constantemente, queimando os proprietários de todos os produtos que estas criaturas admiráveis selecionam nestes barracões» — Simon Laks e René Coudy, membros da orquestra de Birkenau (fonte: *People in Auschwitz*, H. Langbein).

Kitty Hart, uma rapariga que trabalhou no Kanada, descreveu a sua experiência com as seguintes palavras: «O verão foi esplêndido. O sol estava quente, e nós, as que pertencíamos ao turno da noite, tínhamos dificuldade em dormir durante o dia. Costumávamos levantar-nos ao princípio da tarde e, se estivesse bom tempo, deitávamo-nos na relva, diante do nosso barracão, a apanhar sol, salpicando-nos com água para nos refrescar. Muitas vezes, dançávamos e cantávamos, e até chegámos a formar uma pequena banda. Voltámos a rir e a dizer piadas. Passei muitas horas a ler livros que as pessoas destinadas às câmaras de gás tinham levado consigo para a Polónia. A nossa situação era indubitavelmente uma das mais absurdas do mundo. À nossa volta, os gritos dos condenados à morte, a destruição, o fumo das chaminés que escurecia e poluía o ar com a fuligem e o fedor dos cadáveres queimados.

Diria que a nossa principal preocupação, nessa altura, era não enlouquecer; era por isso que nos ríamos e cantávamos ali mesmo ao lado daquele inferno em chamas. É espantoso o que o corpo e a alma conseguem aguentar quando é preciso. Habitamo-nos a quase tudo» (fonte: *People in Auschwitz*, H. Langbein).

O que se segue é a história de Helena, uma rapariga do Kanada.

Capítulo 1

Alemanha, 1947

O Dr. Hoffman folheou o *Spruchkammerakte* — o processo apresentado ao Tribunal de Desnazificação — de Franz Dahler sob a luz amarela e quente dos candeeiros de teto, ignorando por completo o alvoroço que o rodeava. Não era de estranhar que os seus colegas do exército americano se mostrassem agitados — afinal, nem sempre aparecia a julgamento um caso curioso como aquele. Depois de, em março do ano anterior, o programa de desnazificação ter sido transferido para o controlo dos alemães, os americanos tinham gratamente deixado de presidir aos tribunais do seu setor, limitando a sua participação nos mesmos a um papel de supervisão, pois achavam que já tinham cumprido o dever ao pôr de pé os julgamentos de Nuremberga e condenar à força os principais responsáveis. Agora, que fossem os alemães a distinguir, entre os seus, os culpados e os... *não-tão-culpados-como-os-outros*, deu por si a pensar o Dr. Hoffman.

Em condições normais, ele nem sequer estaria presente nesse julgamento. O Tribunal de Desnazificação para delitos menores não exigia pareceres psiquiátricos; bastava o veredito do juiz presidente, em geral, enunciado no seguimento de uma análise ridiculamente superficial das provas e de uma miserável audição de duas horas — isto quando o acusado tinha a sorte de conseguir que os juízes lhe dessem atenção durante duas horas. O sistema estava de tal maneira sobrecarregado com estas audiências que a vontade do juiz presidente do

tribunal era mandar cada réu à sua vida o mais depressa possível, pois, além daquele, tinha mais 40 antigos prisioneiros de guerra a aguardar a sua vez, de convocatória para o depoimento oral na mão.

Também era compreensível que o Departamento Americano de Segurança Pública, que supervisionava os julgamentos, não se mostrasse demasiado crítico em relação ao facto de o juiz presidente do tribunal (que era alemão) emitir os veredictos de inocência tão rapidamente. Se o réu não vinha acusado de ter participado em grandes crimes de guerra, nem em crimes contra a humanidade, era dispensado com uma pequena reprimenda e algumas restrições às suas possibilidades futuras de emprego. *Destruíste a mercearia de um judeu em 1938 e denunciaste o vizinho dele à Gestapo? E depois? Não vais poder ser funcionário público durante uns tempos, caro amigo, mas não será por isso que deixarás de andar em liberdade pelas ruas, ao contrário do referido judeu e do vizinho dele, que morreram, não diretamente às tuas mãos, mas seguramente com a tua ajuda. Não é isso que faz de ti um criminoso de primeira classe, desses que têm de cumprir pena de prisão. Serás, na melhor das hipóteses, um adepto do nazismo ou um nazi de nome.*

O Dr. Hoffman questionou-se sobre a rapidez com que esses adeptos do nazismo ou nazis de nome «exonerados» pelo tribunal viriam a ascender de novo a cargos de relevo assim que o exército americano deixasse a Alemanha entregue a si própria. E se também seria esse o destino do jovem que o fitava com uma expressão honesta na fotografia a preto e branco agraphada ao processo. Curiosamente, o sujeito tinha prescindido do seu direito de ser defendido por um advogado, afirmando que era capaz de se defender sozinho. O psiquiatra levantou a fotografia para reler o *Arbeitsblatt* de Dahler — uma folha de papel que encabeçava o processo.

Apelido: Dahler

Nome próprio: Franz

Profissão: Mecânico de automóveis

Cidade: Munique

Morada: ...

O Dr. Hoffman ignorou o resto e centrou a sua atenção na *Vermögensübersicht* — a declaração financeira apresentada por Dahler. Nela, não constavam quaisquer elementos dignos de nota: não tinha prédios, nem apartamentos em seu nome; referia apenas uma casa de família na Áustria, de que era coproprietário com a mãe, e onde não residia. Na sua conta bancária, tinha pouco mais de 3000 marcos alemães; não possuía obras de arte, nem joias, nem ouro. Na linha onde era solicitada uma lista dos «animais», Dahler havia escrito «Prinz, um lobo-da-alsácia», não tendo percebido que o que se pretendia não era que nomeasse os animais domésticos, mas animais de criação dos quais pudesse retirar algum lucro. O Dr. Hoffman deu por si a sorrir de forma involuntária, não com malícia, mas genuinamente divertido com a confusão.

Patente no exército: Unterscharführer das SS, SS-Totenkopfverbände
Cargo durante a guerra: Waffen-SS (dispensado por ferimento);
 Campo de trabalho de Auschwitz, Kommandoführer; Waffen-SS
 (capturado pelo exército americano como prisioneiro de guerra)
Crimes de guerra ou crimes contra a humanidade: Sem acusação

Sem acusação. O Dr. Hoffman fechou o processo e deu umas paladinhas distraídas no bolso, à procura dos cigarros. Quase todos os antigos SS de patente relativamente baixa exibiam este veredito nos documentos que lhes eram entregues pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos da América, ao serem libertados dos campos de prisioneiros de guerra. Tratava-se, basicamente, de um salvo-conduto de regresso à vida. Os únicos que eram efetivamente acusados eram os grandes criminosos. O peixe miúdo, como Dahler, embora tivesse — sem qualquer dúvida — as mãos bastante sujas de sangue, fora simplesmente considerado «sem acusação». Não eram «inocentes», mas simplesmente «sem acusação». Porque, se o Departamento de Guerra americano começasse a deter e a acusar todos os guardas desse nível, não haveria lugares suficientes para os ex-nazis nas prisões ou nas forcas.

Se é ex ou não, é outra questão, tinha de reconhecer o Dr. Hoffman, se quisesse ser completamente honesto. Portanto, este Dahler seria sujeito à audiência de desnazificação simples, para que ficasse com o carimbo nos papéis, pudesse arranjar um emprego ainda melhor e viver a sua vida, enquanto as suas vítimas...

O psiquiatra ergueu os olhos, emoldurados pelos óculos de aros de metal, para o relógio de parede. A sessão começava dentro de dez minutos. Sentia um leve baque de excitação, ou talvez uma tontura, a picar-lhe o peito de cada vez que dava uma passa no cigarro. Ao contrário dos restantes oficiais que se encontravam na sala, não se pusera a especular sobre o resultado do julgamento; nem sequer conversava. Na verdade, raramente o fazia. Toda a vida fora um observador atento de personalidades humanas, um cientista que retirava enorme prazer do estudo da natureza humana e das camadas mais profundas da psique de cada pessoa.

Tinha descoberto, há muito tempo, que as palavras se destinavam quase sempre a ocultar a verdade. Preferia escutar o tom de voz, observar atentamente gestos instintivos, detetar as mais pequenas discrepâncias entre o que era dito e como era dito; e essa era uma das razões pelas quais se encontrava ali naquele dia.

Andrej Novák, antigo prisioneiro de Auschwitz, repetia *que era preciso fazer justiça, e não a habitual justiça disparatada de «exonerar» as pessoas; era justiça a sério, como antes da guerra*. Na sua opinião, este réu tinha de pagar pelos seus crimes como nenhum outro. O Dr. Hoffman voltou a olhar atentamente para o eslovaco. Não era preciso ter estudado Psiquiatria para detetar a agitação do jovem, pois não só ele andava de um lado para o outro, como se tivesse decidido gastar por completo a carpete que havia milagrosamente sobrevivido aos bombardeamentos, como fumava que nem um cavalo. *Não é possível não ter pena dele; tão novo e já tão destruído*.

— Não percebo. Deviam, pura e simplesmente, agarrar nele e metê-lo na prisão — sussurrou Andrej Novák, no seu inglês com sotaque. O Dr. Hoffman detetou uma veia saliente na testa do jovem. Novák,

que andaria pelos seus 20 e poucos anos, era um sujeito distinto, ao estilo meio abrutalhado e meio taciturno típico do seu género — o dos sobreviventes que tinham descido aos infernos e estavam agora firmemente decididos a pagar na mesma moeda a quem os tinha empurrado para lá. Eram os caça-nazis, uma espécie emergente de sujeitos perigosos e sinistramente heroicos, que instilavam medo e respeito em todos quantos entrassem em contacto com eles. — O melhor até era enforcá-lo já. Ele merece-o mais do que ninguém...

— Isto é um tribunal de desnazificação, não é um esquema de linchamentos como os do faroeste — recordou-lhe o tenente Carter, um dos oficiais do Departamento de Segurança Pública, sem levantar a voz. O homem tinha uma mão-cheia de medalhas a adornar-lhe o peito, como prova da sua coragem em combate desde o desembarque do Dia D. Ao contrário do Dr. Hoffman, Carter era um militar a sério, não era um amanuense, como Hoffman se considerava. O moreno Carter, o viril Carter, que quase irradiava força sempre que entrava numa sala, deixava tudo o que era intelectual à consideração do seu colega, o Dr. Hoffman. Tal como este se via como um amanuense, Carter intitulava-se, com igual despudor, *um simples militar, sem pretensões literárias*. Carter tinha sido um dos primeiros a interrogar os criminosos de guerra capturados pelos americanos, logo em 1945; o Dr. Hoffman, que era um analítico, dava as suas opiniões a respeito dos ditos criminosos de guerra e assinava os relatórios de Carter destinados ao Gabinete de Serviços Estratégicos, juntando-lhes os seus vereditos. Carter sabia arrancar respostas aos homens, e o Dr. Hoffman sabia identificar as que eram falsas. Era opinião geral que os dois homens formavam uma bela equipa. — Compreendo que, para si, a questão ainda está muito viva e é pessoal...

— Pessoal? — repetiu Novák, lançando um olhar feroz a Carter. — Claro que é pessoal, porra. Ele chicoteou-me inúmeras vezes nas costas, e por pouco não me atirou, ainda vivo, para dentro de uma vala comum em chamas. Se isso não é pessoal, não sei o que será! Ele foi colocado num campo de prisioneiros, juntamente com criminosos de

guerra de alto calibre, pelos vossos próprios oficiais do Departamento de Guerra! O que eu não percebo é como é que retiraram as acusações contra ele. O homem é um assassino da cabeça aos pés!

— E é precisamente por isso que aqui está — replicou Carter, sem se deixar impressionar. — O facto de ser queixoso e testemunha de acusação vai ajudar-nos a esclarecer as coisas. Mas temos de respeitar os procedimentos. Neste momento, é a sua palavra contra a dele. — Novák preparava-se para responder qualquer coisa, mas Carter impediu-o, erguendo as duas enormes manápuas. — Digo isto com todo o respeito: pessoalmente, acredito em si; contudo, ele vai trazer uma testemunha que prestará um depoimento em sua defesa...

— Uma mulher de quem abusou de forma sistemática, enquanto a teve à sua mercê no campo, e que obrigou a casar-se com ele para conseguir arrancar-vos a declaração de desnazificação! — As últimas palavras foram gritadas por Novák.

O Dr. Hoffman transferiu o peso de um pé para o outro e pensou em como estava completamente de acordo com Carter: não era boa ideia trazer para o tribunal ex-prisioneiros de campos de concentração. Uma coisa era trabalhar com eles na captura de criminosos de guerra — nesses casos, a sua ajuda era imprescindível. Mas colocá-los frente a frente com os seus antigos carrascos nunca acabava bem. Como psiquiatra, Hoffman tinha a profunda convicção de que quanto menos relações os ex-prisioneiros tivessem com os seus antigos capturadores, melhor. *É preferível encerrarem o caso com o veredito. Quando um criminoso é condenado, isso liberta-os, permite-lhes reconstruir a vida e esquecer aquele pesadelo de uma vez por todas.* Não lhes fazia bem nenhum viverem obcecados por aquele ódio nefasto que os consumia e corroía gradualmente, por aquela memória ácida do passado sanguinolento.

Hoffman nem sempre tivera este ponto de vista. Pelo contrário, no começo da sua carreira «local», quando fora colocado aqui na Alemanha, era um psiquiatra relativamente jovem, idealista, com um diploma acabado de tirar e um desejo ardente de ajudar quem dele

precisasse. Na altura, estava convencido de que colocar as vítimas diante dos seus antigos opressores seria uma ajuda para elas. Contudo, tendo assistido a grandes recaídas — e até suicídios — depois de se terem feito progressos, acabara por se fixar numa posição inteiramente contrária. Os casos dos campos de extermínio eram os piores, em especial os de Auschwitz e Mauthausen. Ninguém saía destes campos ileso.

— Compreendo o que sente, Sr. Novák — declarou Carter, num tom mais suave, após uma pausa. — Mas um tribunal é um tribunal. Acha-se capaz de controlar essas suas emoções? Não quero que isto se transforme num circo. O que lhe parece? Não será melhor usarmos o seu depoimento escrito, em vez de o obrigarmos a confrontar-se com o Sr. Dahler? — Carter olhou para o relógio de parede, como o Dr. Hoffman tinha feito poucos minutos antes. — Ainda vai a tempo de mudar de opinião. Não tem obrigação nenhuma de estar presente durante a audição.

Novák inspirou fundo, parecendo acalmar-se.

— A única coisa que quero é que me oiçam.

— E vamos ouvir. Mas acha que consegue prestar um depoimento calmo e desapixonado?

O Dr. Hoffman notou que Novák cerrava os dentes. Ainda assim, o caça-nazis eslovaco acalmou-se e acenou lentamente a cabeça. — Sim. Acho que consigo. Tenho de o fazer. Por *ela*. É na prisão que ele tem de passar o resto da vida, onde não poderá continuar a fazer-lhe mal. Vou provar-vos que ele é um mentiroso patológico, um assassino, um sanguinário, um violador, que manipulou a pobre rapariga, fazendo dela uma escrava, primeiro no campo, e agora como sua mulher.

O tom com que proferiu as últimas palavras — «sua mulher» — foi de profundo escárnio. O eslovaco não acreditava, por um segundo que fosse, que uma antiga prisioneira de um campo de extermínio estivesse disposta a casar-se com o oficial encarregue do setor onde trabalhara. E, verdade seja dita, o Dr. Hoffman também não. O psiquiatra tinha conhecido muitas mulheres que, dois anos após a libertação, ainda falavam dos guardas das SS com um tremor na voz: os olhos

dilatavam-se-lhes numa reação de medo, instilado pelos meses de maus-tratos; os dedos nervosos apertavam e torciam espontaneamente o tecido das saias. Quanto falavam dos guardas, era sempre ou num tom de fervorosa acusação e com um ódio quase palpável a escapar-se-lhes da voz, ou com horror e lágrimas, abanando a cabeça e tremendo-lhes o corpo todo à simples menção de determinado guarda das SS.

Como seria de esperar, quando Carter largou o processo de Dahler na secretária do Dr. Hoffman, anunciando-lhe, no seu habitual tom desprovido de emoção: *Julgo que, enquanto especialista, isto vai interessar-lhe*, o Dr. Hoffman sentiu-se positivamente intrigado. Um antigo guarda de Auschwitz, membro das SS, que tinha recebido uma convocatória do Tribunal de Desnazificação para comparecer a uma audição, desejava apresentar a mulher como testemunha no tribunal. A mulher, judia eslovaca, tinha sido prisioneira e estivera às suas ordens. Oh, sim, claro que aquilo lhe interessava.

— Sr. Novák, garanto-lhe que vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para responsabilizar o Sr. Dahler, se ele for efetivamente culpado por estes crimes — garantiu Carter ao colega eslovaco, que tinha ajudado a Polícia Militar a caçar e identificar bem mais do que um nazi, apontando com a cabeça na direção do Dr. Hoffman. — É para isso mesmo que o Dr. Hoffman está aqui. Ele vai observar atentamente a Sra. Dahler, enquanto ela estiver a prestar o seu depoimento e, se achar que está a ser coagida, seja de que maneira for, detemos temporariamente o Sr. Dahler, adiamos o julgamento e falamos com ela em privado, para que o marido não possa influenciá-la. Parece-lhe adequado?

O caça-nazis acenou a cabeça, mostrando-se satisfeito com o plano. *Mesmo a tempo*, pensou o Dr. Hoffman. Logo a seguir, um dos membros da Polícia Militar abriu a porta da sala de audiências e anunciou que os esperavam no interior.

A sala de audiências, uma das muitas salas do Departamento de Magistratura, era um compartimento pequeno, ainda em processo de reconstrução após os danos sofridos nos últimos meses da guerra.

Apesar disso, tanto o forro de madeira das paredes como o chão estavam intactos. A ala oeste do edifício era a que mais tinha sofrido com as bombas que haviam chovido sobre a cidade, na primavera de 1945: o teto ostentava múltiplas rachas, visíveis na superfície branca, qual soldado coberto de cicatrizes de guerra.

Por fim, a porta abriu-se silenciosamente, levando todos os presentes a esticarem o pescoço. O oficial de justiça olhou para o corredor e entoou o nome de Franz Dahler. Andrej Novák levantou-se do seu lugar e endireitou as costas, assumindo uma posição rígida e quase forçada.

Passou pela porta aberta um homem jovem, e o Dr. Hoffman olhou para ele com um ímpeto de súbita e violenta curiosidade. Era um rosto elegante: testa alta, feições agradáveis, bem delineadas, os olhos de um azul forte e expressivo; cabelo escuro e ondulado, muito bem penteado para trás. A princípio, o Dr. Hoffman não conseguiu ver a mulher, que seguia o marido, por permanecer oculta atrás da sua figura alta; avistou-a apenas quando Dahler alcançou a dianteira da sala de audiências, onde tinha sido colocada a cadeira que lhe estava destinada. Só aí, deixou de se esconder; ainda assim, foi preciso ele voltar-se e tomar-lhe uma mão. Dahler não lhe soltou a mão quando o juiz presidente do tribunal entrou na sala; limitou-se a pedir licença para falar antes de começar a sessão.

O juiz presidente assentiu com um gesto de cabeça.

— O tribunal permite que a minha mulher se sente ao meu lado? — Tinha uma voz surpreendentemente agradável, com uma ligeira pronúncia, que o Dr. Hoffman reconheceu como austríaca. — Ela fica muito angustiada quando tem muita gente à volta, em especial, se estiver sozinha. Sentir-se-á muito mais à vontade aqui ao meu lado. Assim, poderei dar-lhe a mão se ela... se comover.

O Dr. Hoffman olhou para a Sra. Dahler, que estava de pé, cabisbaixa, ao lado do marido. Era, sem dúvida, uma bela mulher, de cabelo castanho-escuro lustroso, quase preto, sobrancelhas expressivas, boca bem modelada e lábios cheios, que deviam ser lindos quando sorria,

mas estavam agora firmemente cerrados. Envergava um fato feito à medida, mas tinha uma postura rígida; a expressão facial era reservada, e a pele, de uma palidez doentia, quase da cor das pérolas que tinha ao pescoço.

Bem, pelo menos vestiu-a bem para esta ocasião. Este pensamento infiltrou-se na mente do Dr. Hoffman, que teve o cuidado de logo o expulsar. Estava ali com a missão de ser um observador objetivo; mas, após o discurso apaixonado de Novák, sentia alguma dificuldade em não fazer juízos. *Ele é um mentiroso patológico, um assassino, um sanguinário, um violador, que manipulou a pobre rapariga, fazendo dela uma escrava, primeiro no campo, e agora como sua mulher.*

— Frau Dahler, sente-se mais à vontade ao lado do seu marido, ou prefere sentar-se sozinha? — perguntou o juiz presidente, dirigindo-se diretamente a ela.

O Dr. Hoffman apercebeu-se de que os dedos da Sra. Dahler tremeram ao de leve. Sem voltar a cara, Franz Dahler apertou-lhe suavemente a mão, e ela olhou de imediato para o juiz presidente.

— Sim, por favor. Gostaria de me sentar ao lado do meu marido, Senhor Doutor Juiz. — A voz era agradável, mas vagamente tensa; falava alemão com alguma hesitação e uma ligeira entoação de Leste.

O funcionário foi buscar uma segunda cadeira, que colocou ao lado daquela onde se sentaria o réu. Dahler esperou que a mulher se sentasse e apertou-lhe ligeiramente o ombro antes de ele próprio tomar assento. O Dr. Hoffman não conseguiu ver a expressão dele aquando desse gesto, mas ficou um tanto surpreendido com a reação da Sra. Dahler: em vez de se encolher de medo, como faria a maioria das vítimas de maus-tratos numa situação destas, sorriu calorosamente ao marido como que a agradecer-lhe.

Quer dizer que aquilo não foi uma ameaça silenciosa? Foi apenas um gesto de conforto de um marido preocupado? Estaria ela mesmo angustiada, e estaria ele apenas a cuidar da mulher? Ou seria tudo isto uma peça cuidadosamente encenada?

Seguiu-se a rotina habitual.

— O réu levante a mão direita e faça o juramento... Diga o seu nome completo, por favor. Data de nascimento. Profissão atual. Cargo durante a guerra. Alguma vez foi acusado de crimes de guerra ou de crimes contra a humanidade? Quando foi libertado do campo de prisioneiros de guerra pelo Departamento de Guerra americano?

Dahler foi respondendo num tom calmo e confiante.

— Vinte e cinco anos. Mecânico de automóveis. Guarda das SS no campo de extermínio de Auschwitz. Antes disso, soldado das Waffen-SS. Dispensado de atividades de combate na Frente Oriental devido a um ferimento. Nunca fui acusado de crimes de guerra, nem de crimes contra a humanidade. Fui ilibado pelo Departamento de Guerra americano em 14 de dezembro de 1945 e libertado do campo de prisioneiros de guerra no mesmo dia. Casei-me com a Helena no dia seguinte.

Foi assim que o Dr. Hoffman ficou a saber o nome próprio da Sra. Dahler: *Helena*. Quando o marido referiu o casamento, passou pelo rosto da mulher a sombra efémera de um sorriso, e o Dr. Hoffman escreveu qualquer coisa no seu bloco de notas.

Concluída a parte formal do interrogatório, o juiz presidente mudou de posição antes de se dirigir ao acusado. — Por norma, o tribunal dá o seu veredito com base nas declarações da testemunha, nas suas características pessoais e nas cartas de recomendação entregues pelo Departamento de Guerra; e o senhor tem aqui uns relatórios excelentes dos oficiais do campo de prisioneiros de guerra onde esteve detido. No entanto, o Sr. Novák, aqui na qualidade de queixoso, exigiu uma investigação apurada dos seus crimes, os quais, de acordo com a acusação, devem ser classificados como crimes contra a humanidade.

Se Dahler se sentiu incomodado com aquelas palavras ou com a sugestiva pausa que se seguiu, não o deu a entender minimamente.

A seguir, o juiz presidente apontou com a caneta para Andrej Novák.

— O senhor conhece bem este homem, não é verdade?

Dahler voltou o olhar para um dos seus antigos prisioneiros, e o Dr. Hoffman observou atentamente a reação dos dois homens. Novák, com as feições contraídas de fúria, rangeu os dentes com tanta força

que o psiquiatra lhe detetou o movimento dos músculos faciais sob a pele, luzidia de suor. O eslovaco fixava o antigo homem das SS com um ódio evidente, disposto a atirar-se a ele, caso tivesse a menor oportunidade.

Na cara de Dahler, pelo contrário, não apareceu sequer uma ruga. O alemão olhou para o outro com uma calma quase fascinante e, voltando-se novamente para o juiz presidente, pronunciou a letra A, seguida de uma série de números; mas fê-lo em voz tão baixa que o Dr. Hoffman não conseguiu perceber exatamente de que números se tratava.

As veias do pescoço de Novák tornaram-se visíveis. O juiz presidente franziu ao de leve o sobrolho.

— Peço perdão, Senhor Doutor Juiz — interveio Dahler de novo, com o ténue vislumbre de um sorriso a perpassar-lhe pelo rosto, mas sem lhe chegar aos olhos. — Deve ter parecido uma piada de mau gosto. Eu conheço este homem, mas não sei o seu nome. Apenas o número. No campo, eram muito raros os nomes dos prisioneiros que sabíamos; tratávamo-los apenas pelo número que lhes era atribuído quando eram admitidos. O número que lhes tinham tatuado no antebraço.

Ao ouvir isto, Helena Dahler puxou a manga do casaco ligeiramente para baixo, movimento que o Dr. Hoffman interpretou como um gesto instintivo: ela tinha vergonha da sua tatuagem e estava habituada a escondê-la.

— Disse-nos que conheceu a sua mulher no campo. — Era a primeira vez que o psiquiatra se dirigia diretamente a Dahler. Não era o que mandava o protocolo, mas ele precisava de esclarecer algo.

— *Jawohl.*

— Em que ano?

— Ela chegou em 21 de março de 1942, no transporte proveniente da Eslováquia.

— Tem uma memória notável para datas, jovem — observou o juiz presidente.

Dahler baixou a cabeça, ocultando um sorriso.

— Era o meu aniversário, Senhor Doutor Juiz.

— O senhor disse que não sabia os nomes dos prisioneiros, mas apenas os seus números — repetiu o Dr. Hoffman. — Antes da libertação, também só conhecia a sua mulher pelo número?

— Claro que não. — Dahler soltou uma pequena gargalhada, como se o Dr. Hoffman lhe tivesse feito uma pergunta completamente idiota. — Quando fiquei a saber o nome dela, ainda não lhe tinha sido atribuído um número.

— Como é isso possível?

A resposta foi dada por Helena Dahler, não pelo marido, e o psiquiatra voltou a ficar surpreendido com o tom confiante da sua voz.

— Eu estava marcada para morrer no dia seguinte. Eles não tatuam os que estão destinados às câmaras de gás. Foi o Franz que me salvou. E não, ele nunca me tratou pelo número, nem uma única vez. Para ele, eu fui sempre a Helena.

Capítulo 2

Helena

Auschwitz, 21 de março de 1942

O que faz alguém quando lhe dizem que lhe restam apenas 24 horas de vida?

Eu, por exemplo, escovei o cabelo uma e outra vez, como me tinha ordenado o Rottenführer Wolff, para poder apresentar-me como um pré-cadáver agradável à vista. Aquilo que em breve me ceifaria a vida não era uma doença; era uma condenação à morte por um crime que não tinha cometido. Eu era prisioneira, e isto era indubitavelmente uma prisão; a pior prisão que alguém poderia imaginar nos seus piores pesadelos. E tinha ido ali parar por ter matado alguém? Não. Aqueles que ali estavam por essa razão usavam um triângulo verde no uniforme. Na verdade, os assassinos acabavam por se ir embora depois de terem cumprido a pena; pelo menos, foi o que me disseram.

Ainda esta manhã, quando estávamos na rampa à espera de que os SS decidissem o que fazer connosco, um homem de uniforme às riscas anunciou-nos a razão da espera: a administração do campo estava a felicitar um kapo cuja pena tinha chegado ao fim, e a libertá-lo, já reabilitado, com os melhores votos para a vida futura na sociedade. Aparentemente, esse kapo (que, pelo que percebi da explicação que me deram, era um prisioneiro que era uma espécie de supervisor) tinha assassinado a mulher com uma faca de talhante num acesso de ciúmes, mas cumprira o seu dever de maneira tão diligente na equipa do

campo a que fora destinado, que o próprio Herr Kommandant tomara a iniciativa de o libertar mais cedo do que o previsto.

O kapo era alemão, claro, e o crime dele não era tão imperdoável como o nosso. Ele era apenas um assassino. Nós éramos judeus e estava previsto morrermos assim que o assunto do kapo estivesse resolvido — anunciou um SS recém-chegado, em tom jovial. Nessa altura, porém, apareceu outro SS a informar, com uma tossezinha envergonhada, de que as malditas paredes interiores de uma das chaminés do crematório tinham voltado a ceder, pelo que a *Aktion* teria de ser adiada até o *Sonderkommando* as reparar. De vez em quando, os homens observavam-nos de alto a baixo, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado e franzindo os olhos, como se estivessem a fazer cálculos nas suas mentes metódicas — talvez ao número de balas de que precisavam para dar cabo de nós e da quantidade exata de mão-de-obra necessária para dar destino aos nossos miseráveis corpos trémulos.

Nós estávamos onde eles nos tinham reunido, bem juntas umas às outras, em filas muito arrumadas de cinco; éramos um pequeno e resignado exército de sombras, já a dissipar-se no nada. À minha volta, fizera-se um silêncio de morte. Até as que falavam o faziam baixinho. O nosso transporte — o segundo proveniente da Eslováquia — era constituído apenas por jovens do sexo feminino. Os SS falavam abertamente do que nos esperava; em geral, as mulheres são obedientes, com pouca tendência para a revolta, razão pela qual os soldados não tinham nada a temer. Tudo o que podíamos fazer ali, naquela rampa coberta de neve, era tremer impiedosamente, sentindo o frio apoderar-se de nós desde a ponta dos pés até ao coração, transformado numa pedra insensível, como se já estivéssemos mortas. Havia quem chorasse de mansinho; uma delas era a minha amiga Cylka. Mas ela tinha razões para isso — o filho, ainda bebé, tinha-lhe morrido de hipotermia no comboio. Já eu preferia este entorpecimento libertador: a interminável espera da morte iminente tornava-se mais fácil de aceitar, não era tão angustiante.

Continuávamos de pé na rampa, quando um grupo de soldados das SS se aproximou da nossa triste coluna em passos largos, acompanhado

pelos homens de calças às riscas e casacos à civil com números cosidos no peito. Estes começaram a tirar-nos os nossos pertences, explicando-nos, em tom calmo e racional, que deixaríamos de precisar deles dentro em breve. Um deles arrancou-me da mão a mala que eu apertava com firmeza, olhando para mim com uma espécie de compaixão momentânea; recusei-me a fitá-lo nos olhos, tal como recusei a sua comiseração, optando por continuar a olhar em frente, com uma raiva fria e um sentimento de impotência a debaterem-se dentro de mim, obliterando qualquer outro pensamento.

Distante e indiferente, o sol apareceu por entre farrapos de nuvens que pendiam sobre os barracões muito bem alinhados em filas diante de nós. Um bando de aves agitou as asas em frente da cortina do firmamento azul. Segui-lhes o progresso com inveja; como gostaria de fazer o mesmo — levantar voo e ir-me embora dali. Mas os passarinhos não quiseram fugir a este destino miserável. Pelo contrário, concentraram-se sobre um dos barracões, fazendo vergar ao de leve os cabos elétricos que o rodeavam e adornando o telhado de cinzento — a cor dos sobretudo dos homens das SS. Aquele barracão devia ser a cozinha e, ao contrário de nós, as aves nada tinham a temer das SS. A única coisa que não as atraía, sabe-se lá porquê, era a cerca de arame farpado. Depois de observar atentamente a sua construção e de reparar num cartaz com uma cabeça morta e um letreiro em alemão e polaco — *Halt/Stoj* —, ocorreu-me que deveria estar eletrificado.

Outro oficial vestido de cinzento aproximou-se de nós em passos largos e ordenou que todas as que soubéssemos cantar, recitar poemas ou dançar lhe fizéssemos imediatamente sinal. Tinha uma expressão cortante e impaciente, e trazia um chicote na mão. As mulheres hesitaram por momentos, mas, ao verem-no agitar o chicote de uma forma típica de quem tem pouca paciência, algumas avançaram com relutância. Uma delas empurrou-me sem querer e, sem perceber bem como, fui separada da Cylka, dando por mim diante do SS que os estranhos subordinados de calças às riscas tratavam por *Rottenführer Wolff*. Ele tomou-me logo a cara nas mãos enluvadas, virando-me de um lado para o outro,

como quem avalia uma mercadoria. O xaile escorregou-me da cabeça, mas ele afastou-me as mãos antes de eu ter tempo de o compor.

— Tens aí uma bela cabeleira — comentou numa voz rouca que denunciava o gosto pelo tabaco, passando-me os dedos pelos cabelos.
— *Ja*. Tu serves. Anda comigo.

Poucas horas antes, não teria acreditado que tal pudesse acontecer.

Wolff levou-nos, ao pequeno grupo de mulheres que tinha escolhido, para uma espécie de armazém — um edifício enorme, a transbordar de pertences pessoais e malas de todas as formas e cores, com nomes e locais de deportação esborratados a giz na superfície. Os subordinados de Wolff atiraram as nossas malas de forma abrupta para a mesma pilha. Julgo que foi nessa altura que percebi que não sairia dali; isto é, que não sairia dali viva.

— Bem-vindas ao Kanada, a terra da abundância — disse ele, abrindo os braços num gesto fingido de boas-vindas e sorrindo como uma serpente. — Aproveitem enquanto podem. Infelizmente, minhas senhoras, não vão cá ficar muito tempo.

Os subordinados já estavam a abrir as malas e a remexer na nossa roupa arrumada com tanto cuidado, pegando nas camisolas e nas meias com a mesma expressão indiferente que se via na cara de um talhante quando separava os cascos e as entranhas da carne boa.

— Não fiquem com esse ar enfiado. — Wolff voltou a lançar-nos o mesmo sorriso impiedoso, empoleirando-se na esquina de uma das mesas e acendendo um cigarro. — Deviam sentir-se honradas. As vossas roupas vão ser todas desinfetadas e enviadas para a Alemanha, para serem usadas por arianos. E o vosso cabelo também não deve ser desperdiçado. Vai ter grande utilidade nas meias dos marinheiros da nossa Kriegsmarine e nas botas de feltro dos soldados da Wehrmacht. Deviam sentir-se orgulhosas por poderem fazer sacrifícios pelo Grande Reich alemão. Bem, agora vamos lá ver se sabem mesmo dançar e cantar.

Quando chegou a minha vez, declarei calmamente que não sabia cantar nem dançar. Se eles tencionavam matar-nos a todas, podia pelo menos poupar-me a esta derradeira humilhação.

— Não sabes cantar? Que disparate — replicou ele com uma pequena gargalhada escarninha. — Os *russki*, ou o que resta deles, têm um ditado de que eu gosto bastante: «Se não sabes fazer, nós ensinamos-te. E, se não queres fazer, nós obrigamos-te.» Agora, pega nestes farrapos e vai mudar de roupa. Só por essa atitude, vais ser a estrela da companhia. E não saias daí sem eu te ir buscar. Estes carneiros não têm necessidade nenhuma de ficar excitados com um espetáculo que não é para eles — concluiu, passando os olhos com ar superior e trocista pelos homens que tinha a seu cargo.

O chicote que me mostrou, só para reforçar o que estava a dizer, não me deixou grande vontade de voltar a pôr-lhe a paciência à prova. Empunhava-o com grande segurança, demonstrando que não era pessoa para fazer ameaças vãs. Peguei na pilha de roupa e na escova de cabelo que ele me atirou, e dirigi-me ao compartimento que me tinha indicado.

O tempo foi passando e começou a anoitecer. O crepúsculo coloriu as paredes de sombras cor de aço enferrujado, e eu continuei a tratar do meu cabelo, uma escovadela indiferente após outra. Eram gestos repetitivos de uma louca. A certa altura, tive a sensação de que Wolff se havia esquecido de mim. À minha volta, reinava um silêncio fantasmagórico; até os homens de Wolff se tinham ido embora há muito, e eu sentia-me grata por isso, porque alguns eram eslovacos e as conversas que mantinham do lado de lá da fina porta que deles me separava impediam-me de permanecer num estado de santa ignorância a respeito deste local. Tinham-nos dito que íamos trabalhar em fábricas. Não nos tinham dito que, à chegada, seríamos despidas, rapadas, mortas com gás e depois queimadas. Estes homens pertenciam a um Kommando especial — o Sonderkommando — que tratava disso tudo, à exceção do gás propriamente dito, por ordem das SS. Fiquei a saber que também eram prisioneiros. E também fiquei a saber que, poucos dias antes, um deles tinha depositado os cadáveres do próprio tio e dos primos, ainda crianças, na padiola do crematório.

De repente, ouvi passos nos degraus de aço do exterior e a porta do pequeno compartimento a ser aberta com violência. Levantei-me apressadamente e endireitei-me ao ver entrar Wolff. Acendeu as luzes e avaliou-me com atenção, enquanto eu pestanejava para tentar adaptar-me àquele fulgor, que me cegou. O homem inclinou a cabeça ao de leve para um lado e depois para o outro; a seguir, fez uma pequena careta, como se não tivesse sido ele a escolher aquele vestuário ridículo, exigindo-me que me vestisse e «me tornasse apresentável, como se fosse encontrar-me pessoalmente com o Führer».

— Bem — refletiu em voz alta, circulando à minha volta —, tendo em conta as circunstâncias, podia ter sido pior.

Puxando a estola de pele de marta, ajustou-ma em volta dos ombros. Esta retinha um leve vestígio de perfume, o odor de outra mulher, que por esta altura estava, muito provavelmente, morta. Tal como eu estaria amanhã.

— Dá-me licença que faça uma pergunta? — Juntei cuidadosamente várias palavras alemãs, uma língua que não era a minha, formando uma frase. Irritava-me ouvir um tremor na minha voz, mas os membros do Sonderkommando já me tinham elucidado bastante sobre Wolff, e, de repente, fiquei sem vontade nenhuma de me dar mal com ele.

— *Ja?* — replicou ele, olhando para mim com uma ponta de interesse.

— O que tenho de fazer exatamente? — E apuntei com um gesto vago para a minha fatiota ridícula.

Ele tinha escolhido um vestido grená espalhafatoso e uns sapatos a condizer — sapatos esses que eram um número abaixo do meu e já estavam a incomodar-me. Só esperava que não me obrigasse a dançar, ou algo do género.

— Pensei que te tinha dito. Um dos nossos camaradas faz anos hoje, e nós quisemos fazer-lhe uma surpresa. Se estivéssemos noutra sítio, levávamo-lo a um cabaré ou coisa parecida, mas como estamos aqui, temos de recorrer ao que há. — *Ou seja, a ti*, disseram os olhos dele, concluindo a explicação.

Eu estava tão cheia de medo que não consegui dizer-lhe que não sabia nada sobre cabarés, nunca tinha entrado num cabaré, nem sabia as canções que as mulheres cantam nos cabarés.

— Não te preocupes — riu-se ele com a cara muito perto da minha, beliscando-me dolorosamente as bochechas. Imobilizei-me, tentando não me contrair ao sentir aqueles dedos a colorirem-me à força a complexão cadavérica. Wolff estava bem-disposto, tinha hálito a *schnapps*. Calculei que as outras mulheres já tivessem concluído as respetivas apresentações e perguntei-me se ainda estariam vivas ou se já teriam sido eliminadas, despachadas pela mesma mão que estava naquele momento a tocar-me na cara. — Só tens de lhe cantar os parabéns, e, nessa altura, trazemos o bolo. Sabes cantar os parabéns, não sabes?

As últimas palavras continham uma leve ameaça. *É melhor saberes, sua Mistbiene.*

— Sei algumas canções em alemão e também sei algumas em eslovaco — respondi cautelosamente.

— Está ótimo. Canta-me alguma coisa. Quero ouvir a tua voz.

Inspirei fundo e comecei a cantar.

— Mais alto!

O grito fez-me dar um solavanco involuntário. Ele não pretendia assustar-me, mas, naquela altura, já não era preciso muito. Cantei mais alto, dando o melhor que tinha.

Wolff ergueu a mão abruptamente, mandando-me calar.

— Já chega. Canta assim. E sorri. Quero que tenhas um ar feliz. O sujeito faz anos, não te admito que te ponhas à frente dele com cara de carpideira profissional, percebeste?

— Sim.

— *Jawohl*, Herr Rottenführer. É assim que se responde.

— *Jawohl*, Herr Rottenführer — repeti, diligentemente.

— Calculo que não seja necessário dizer-te que, se ele não ficar satisfeito, te castigarei severamente.

— Compreendo, Herr Rottenführer. Vou dar o meu melhor.

*

Wolff deixou-me em frente do barracão das SS e disse-me que viria buscar-me quando estivesse na altura de eu entrar. A tremer dentro do fino vestido de seda, enfiei a cabeça entre os ombros, escondendo o pescoço nas dobras da estola. O ar da noite era irrespirável, pelo que fui engolindo o vento uivante às golfadas até sentir os pulmões cheios de agulhas de gelo. Passou uma sentinela, com uma espingarda ao ombro, que olhou para mim com ar intrigado, detendo-se por momentos. Nessa altura, porém, Wolff veio cá fora e agarrou-me no antebraço.

— É a tua vez — declarou-me com a cara colada à minha. Desta vez, além de *schnapps*, cheirava a *brandy*.

No interior do barracão dos SS, o ar estava quente e carregado de fumo de cigarros e do cheiro a carne grelhada. A turbulenta conversa suspendeu-se abruptamente quando entrei. Wolff empurrou-me com tanta força na direção de um SS, que eu quase lhe caí no colo. O homem tinha uma coroa de papel na cabeça, feita pelos outros para aquela ocasião, e, ao verme, pestanejou, intrigado. A luz do interior do barracão era fraca, mas pareceu-me que estava ruborizado — fosse do álcool, fosse de eu quase ter tombado para cima dele. Endireitei-me rapidamente e afivelei sem demora um enorme sorriso falso, embora continuasse a tremer. Comecei, então, a cantar bem alto, como Wolff me tinha ordenado. Dois dos companheiros do aniversariante trouxeram um bolo e, pouco depois, estavam todos a cantar, afogando a minha voz no verdadeiro trovão das suas.

Seguiu-se uma ronda de aplausos, obviamente destinados ao aniversariante, não a mim.

A seguir, cantei uma canção em eslovaco. O aniversariante era jovem e elegante, como quase todos eles. Elegante, implacável e cheio de ódio. Os seus olhos eram azul-claros; o cabelo e o coração eram negros. Subitamente, sorriu-me pela primeira vez.

— Que canção era essa? — perguntou-me, depois de eu ter acabado de cantar na minha língua materna.

— É uma canção de aniversário que costumamos cantar na Eslováquia — olhei de relance para a insígnia dele, que era a mesma de Wolff —, Herr Rottenführer.

— É bonita — comentou ele com uma certa contenção na voz. Era óbvio que não estavam habituados a fazer elogios a judeus.

Agradeci-lhe baixinho.

— *Bitte*, canta outra coisa — pediu-me. O tom era amável e a voz tinha uma pronúncia mais suave do que as dos seus colegas, mas, não sei porquê, soou-me ainda mais autoritária do que a de Wolff, sem que tivesse sequer de a levantar. Era a voz de um homem que estava habituado a dar ordens e a ver essas ordens serem cumpridas sem hesitações. — Canta... — Calou-se uns momentos a pensar, e a seguir disse o nome de uma canção alemã, mas eu não a sabia. Depois, disse o nome de outra canção, mas eu também não a sabia. Finalmente, ergueu as mãos num gesto de rendição. — Então, pronto, canta uma coisa de que gostes. Canta-me a tua canção preferida.

Fiquei uns momentos em silêncio. Não sabia bem o que havia de cantar. A canção de que eu mais gostava — sobre uma mulher cujo bem-amado morre — era demasiado trágica e totalmente inadequada àquele momento, mas os meus lábios abriram-se de forma espontânea e a triste e melancólica melodia encheu a sala. A certa altura, um dos SS tirou uma harmónica e começou a tentar acompanhar-me. Tinha grande talento para a música, assim como Wolff tinha talento para o chicote. Ninguém aplaudiu. Pairou na sala uma ténue sombra de tensão, acompanhando os anéis prateados do fumo do tabaco. Senti os olhos de Wolff pousados em mim. Estava certamente a pensar na tarefa que me daria por me ter atrevido a fazer esta cena, e eu tinha tanto medo dele que não me atrevi a dizer uma única palavra em minha defesa, explicando que não tinha feito de propósito.

De repente, o aniversariante meteu-me uma fatia de bolo na mão, embrulhada num guardanapo. Cheirava tão bem que fiquei com água na boca e um suave suor de doce encanto nas palmas das mãos. Naquele momento, lembrei-me de que não comia nada há dias.

— Era uma canção muito bonita. E tu tens uma voz linda. Tens de vir cá outra vez cantar para nós.

Passei a língua pelos lábios.

— Infelizmente, não vai ser possível, Herr Rottenführer. O nosso transporte vai ser todo liquidado amanhã, segundo me disseram hoje. Mas obrigada por essas palavras tão amáveis. Aquece-me o coração pensar que lhe agradei neste seu dia especial. Desejo-lhe uma vida longa e próspera.

Ele voltou-se para trás.

— É verdade? — perguntou a Wolff.

Este limitou-se a encolher os ombros, enquanto mastigava ruidosamente uma salsicha com mostarda.

— Quero que a excluas da *Aktion* — disse o aniversariante com uma súbita nota de autoridade na voz, algo bastante estranho, tendo em conta que tinha a mesma patente que Wolff.

— O nome dela já está na lista.

— Então, risca-o. Não é assim muito difícil.

— O Palitzsch já assinou a lista.

— Quero lá saber! Risca o nome dela da lista. Porque é que eles querem liquidar um transporte inteiro, quando temos tanta falta de braços no Kanada?

— Vai perguntar ao Velhote. Não sou eu que dou as ordens, é ele — respondeu Wolff, voltando a mastigar a sua salsicha.

Num canto da sala, um dos soldados oferecia cigarros aos camaradas que tinha à sua volta. Sorrisos bem nutridos, olhando uns para os outros, ignorando por completo que, naquele preciso momento, o destino de um ser humano estava a ser decidido entre outros dois camaradas. De repente, senti-me tonta e, por momentos, tive a sensação de que o chão se me escapava debaixo dos pés. A cara do aniversariante dançou-me diante dos olhos — um dos assassinos que eu desejava desesperadamente que me salvasse a vida, porque tinha gostado da minha maneira de cantar.

— Mas, não achas que nos davam jeito algumas mulheres para escolher as roupas? Estas mulheres não estão doentes, pois não? — Voltou-se para mim com vivacidade. — Tens alguma doença?

Abanei veementemente a cabeça, suplicando-lhe o melhor que conseguia com os olhos rasos de lágrimas. *Era saudável, completamente*

saudável, e estava ansiosa por trabalhar. Deixe-me mostrar-lhe que sou ótima trabalhadora. Faça o que for preciso, Herr Rottensführer, faça absolutamente tudo o que me mandar!

— Acho que estão à espera de outro transporte do Protetorado que chega amanhã — comentou Wolff num tom indolente. — Deram-me ordens para liquidar o transporte de hoje; é só o que sei.

— Então, põe-na, e às outras, a trabalhar no nosso departamento. Eu resolvo o assunto com o Palitzsch.

Wolff olhou para ele como se tivesse perdido por completo o juízo. Mas o aniversariante, subitamente austero e régio, com a sua coroa de papel na cabeça, nem pestanejou.

Wolff acabou por acenar a cabeça com uma ponta de respeito.

— É só porque és tu que estás a pedir, Dahler.

Pronto, já sabia o nome dele: Rottenführer Dahler. Dirigiu-me um sorriso aberto e tranquilizador, qual monarca que, no último instante, perdoa um condenado à força. Saí do barracão com as pernas a tremer e, ao chegar lá fora, consegui finalmente voltar a respirar. Amanhã, quase toda a gente que eu conhecia ia morrer, mas eu não seria uma delas. De repente, senti uma enorme vontade de gritar, mas calei-me rapidamente com o bolo, que meti pela garganta abaixo com as lágrimas e um medo selvagem, animal. Estava demasiado aterrorizada para conseguir acreditar: sentia-me aterrada com a possibilidade de Wolff se embriagar e se esquecer da promessa que tinha feito; e também com a possibilidade de Dahler mudar de opinião. Mas chegou a manhã seguinte e, com ela, a chamada. Foi o próprio Wolff que me fez sinal para sair da coluna que seguiu direta para o bloco de onde ninguém jamais tinha regressado.

— Ontem, foi o dia de anos do Dahler — comentou Wolff, enquanto me levava para o meu novo posto no Kanada. — Hoje é o teu.

Não o contrariei. Ele tinha razão.

Um livro comovente e inspirador, baseado numa história real.

Helena desce da carruagem de transporte de gado para o chão gelado de Auschwitz. Tem 24 horas de vida. Programada para ser morta no dia seguinte, nem chegou a ser tatuada com o número de prisioneira. Quando um oficial de uniforme cinzento marcha na sua direção e a puxa para longe, ela teme o pior. Ele, todavia, diz-lhe que é o aniversário de um outro oficial e ordena que ela cante para ele.

Dentro do barracão da SS, o ar é quente, carregado de fumo de cigarros e barulho. Quando Helena termina de cantar, Franz, o oficial aniversariante, oferece-lhe uma fatia de bolo — a primeira coisa que ela come desde há dias. E aí mesmo, ele ordena que a vida dela seja salva, mudando para sempre o curso do seu destino.

O que se segue é uma história que deveria ser impossível, mas que salvou a vida de ambos — e de centenas de outras pessoas — de mais do que uma maneira.

Da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[@topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN 9789897871627



9 789897 871627 >